

**INVASÃO DE LAMA DA BARRAGEM DE FUNDÃO EM BARRA LONGA
(MG) E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO LAZER DAS BORDADEIRAS DESTA
CIDADE**

Recebido em: 05/02/2025

Aprovado em: 18/06/2025

Licença: 

Maira Elisa C. Martins Morais
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil
<https://orcid.org/0009-0004-4157-6273>

Cristiane M. Drumond de Brito
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-2802-2119>

RESUMO: Relatar os impactos ocorridos no cotidiano e no lazer das Bordadeiras da cidade de Barra Longa, após o rompimento da barragem de Fundão em Minas Gerais, é o objetivo desse artigo. Realizou-se uma aproximação direta com elas, na busca de elementos suficientes para embasar a pesquisa, dentre eles, a centralidade do bordado como lazer. Nos impactos negativos causados pela invasão da lama, destacam-se as perdas de historicidades familiares contadas através dos bordados e o comprometimento na socialização entre as bordadeiras, momentos considerados por elas, de lazer. Constatou-se que o bordado não apenas representa uma fonte de lazer e renda, mas também de resgate de memórias e de resiliência, cujos impactos ambientais ocorridos, o tempo jamais conseguirá remediar.

PALAVRAS-CHAVE: Bordado. Rompimento de barragem. Lazer.

**MUD INVASION FROM THE FUNDÃO DAM AND ITS CONSEQUENCES
IN THE LEISURE OF THE EMBROIDERY WOMEN OF BARRA LONGA (MG)**

ABSTRACT: The objective of this article is to report the impacts on the daily lives and leisure activities of the embroiderers of the city of Barra Longa, after the collapse of the Fundão dam in Minas Gerais. A direct approach was made with them, in search of sufficient elements to support the research, among them, the centrality of embroidery as a leisure activity. Among the negative impacts caused by the invasion of the mud, the losses of family histories told through embroidery and the impairment of socialization among the embroiderers, moments considered by them as leisure, stand out. It was found that embroidery not only represents a source of leisure and income, but also of recovery of memories and resilience, whose environmental impacts, time will never be able to remedy.

KEYWORDS: Embroidery. Dam failure. Leisure.

Introdução

O surgimento do bordado é datado de 30 mil anos a.C., a partir do estudo de um fóssil encontrado na Rússia, com vestes enfeitadas em marfim. Conforme Lourenço (2012), os primeiros bordados foram encontrados na pré-história tendo o ponto cruz como pioneiro e era utilizado por homens das cavernas, cujas vestes eram de pele de animais, as agulhas feitas de ossos e as linhas feitas de tripas de animais ou fibras vegetais. Silva (2006), corrobora esta afirmativa.

O bordado pode muito bem ter tido origem já na Pré-História, se considerarmos a atitude do homem do mesolítico em unir as peles para se aquecer com fios de alguma resistência; muitas vezes baseados no aproveitamento de fibras animais e vegetais onde lhe foi permitido criar alguns pontos de adorno que ainda hoje são utilizados, como a costura de fio duplo, a espiralada e o ponto adiante (Silva, 2006, p.1).

Os trabalhos artísticos feitos com agulhas de metal e as técnicas mais elaboradas dos bordados manuais, emergiram do Oriente Médio, depois os gregos se apoderaram dessas técnicas. Por serem grandes apreciadores da beleza e do luxo, são eles, os responsáveis pela divulgação dessa arte, que vem se aperfeiçoando ao longo dos tempos (Lourenço, 2012).

Em paralelo, Silva (2006) aponta que esse aperfeiçoamento se seguiu à Idade Média, atividade preferencialmente feminina, porém existem relatos que no século XVI, os homens na cidade de Lisboa em Portugal, também bordavam (Silva, 2006, p.1).

A história do bordado se entrelaça com um fazer feminino em espaços-tempos que realçam a saudade, a solidão, o amor, as possibilidades e as necessidades, além de explicitar a má conduta da exploração em que as mulheres eram submetidas há séculos (Chagas, 2010).

No Brasil, a arte de bordar chegou pelas mãos dos Portugueses, passada de mãe para filha, essa tradição se sustenta através do amor ao traçado, porém se encontra

ameaçada de extinção pelas mãos mais jovens, isso devido às circunstâncias do dia a dia, onde não encontram espaço para se dedicarem ao fazer do bordado.

Ainda hoje podemos encontrar, em guardados antigos de família, paninhos bordados, peças em tecido feitas por habilidosas mãos de avós, bisavós e tataravós ou por elas compradas ou recebidas de presente e conservadas por algum motivo especial, formando uma espécie de museu privado sentimental. Atualmente, diante de uma vida corrida e com demandas de praticidade, esses “paninhos”, como eram chamados, não estão mais em uso. Alguns os consideram um excesso, outros, uma cfonice. E assim, descansam e amarelam-se no fundo de muitas gavetas. Mas basta que alguém os resgates, para que as lembranças venham à tona, as mãos se reconfortam com suas superfícies macias, os olhos se percam pelos desenhos minuciosos e delicados, ou mesmo extravagantes e imaginativos, promovendo uma experiência estética própria aos ambientes domésticos (Malta, 2015, p.1).

A herança do bordado perpetuando gerações, remonta valiosas lembranças de uma existência e dá sentido a vida de muitas mulheres, onde o direito de acesso à educação foi colocado às margens, porém com o bordado, um novo horizonte se apresenta à elas e traz maior significado de vida (Chagas, 2010).

Na perspectiva das bordadeiras de Barra Longa, a importância do bordado como um saber cultural e fonte de identidade coletiva, bem como a manutenção deste saber, se apresenta como uma linha tênue entre cultura, trabalho, meio ambiente e o lazer, no qual o bordado está inserido, inclusive para a preservação de memórias histórico familiares. Como patrimônio cultural material e imaterial, alcançável e inalcançável, o bordado está incluído na cultura humana em nível global, e possui extrema significância quando se fala em identidade cultural de um povo (Zanirato; Ribeiro, 2006, p. 252).

Localizada a 172 km de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais (MG), a cidade de Barra Longa oferece aos seus visitantes a hospitalidade, uma culinária marcante, a produção de cachaça, de queijos artesanais e muitas outras manifestações culturais, além de sua beleza cênica devido as diversas cachoeiras que atraem muitos

turistas. Neste contexto, o bordado aparece como um dos principais atrativos, ocupando a segunda posição em geração de renda, dando à Barra Longa o título de capital brasileira da renda.

A pesquisa de campo com as mulheres bordadeiras da referida cidade e suas representações do coletivo, revelou um saber cultural importante e o valor que o bordado tem para aquela região. Porém, após o rompimento da barragem de Fundão, houve uma descontinuidade desse processo social e coletivo, onde o cotidiano e os hábitos existentes, foram obrigados a se refazer em função de tão grave acontecimento, que escreveu uma nova história de vida na cidade. Nessa descontinuidade, o bordado enquanto lazer, sofreu importante rompimento, pois, o ato de bordar é tratado por elas como um trabalho, mas também fonte de lazer. Não existe, portanto, um conceito único para definir essas dimensões, trabalho e lazer, uma vez que se deve considerar a subjetividade do que cada ser envolvido no processo, considera ou não como lazer. Em relação ao entendimento a respeito do conceito de lazer, Debortoli (2012) menciona a existência desta subjetividade neste conceito e Gomes (2014) reafirma que cada pessoa expressa o conceito de lazer a partir dos distintos fenômenos que representam a sua realidade.

O Lazer, mais que um conceito ou objeto, é tomado como um processo, como uma maneira de viver, enfatizando a arte, o corpo, a correspondência e sensibilidade com a vida e com o mundo na centralidade das relações. Anúncio uma reflexão sobre as práticas de Lazer estabelecendo relações com os diferentes tempos da vida, em especial, compreendendo a jornada de vida reconhecida como percurso de desenvolvimento, de sabedoria, de constituição de habilidades de viver (Debortoli, 2012, p. 3).

Por meio das afirmações desses dois autores supracitados, foi possível investigar se o lazer está presente no bordar dessas mulheres bordadeiras de Barra Longa, numa perspectiva contra-hegemônica e geradora de transformações, que pode incluí-las na fruição do lazer. Gomes (2014, p. 3), reafirma que "o lazer é uma prática

social complexa, que abarca uma multiplicidade de vivências culturais, lúdicas, contextualizadas e historicamente situadas”.

O bordado está presente em diversas vertentes como, por exemplo, as matrizes culturais brasileiras, europeias, indígenas e africanas. Esses diferentes grupos sociais têm suas formas do fazer artesanal, incluindo a culinária, as festas e outras tradições locais, que são considerados “manifestações ou testemunhos significativos da cultura humana, reputados como imprescindíveis para a conformação da identidade cultural de um povo” (Zanirato; Ribeiro, 2006, p.252).

Portanto, é possível dizer que as condições sociais, econômicas e ambientais, são fundamentais para salvaguardar os saberes das comunidades étnicas e garantir a sua continuidade, incluindo a preservação das heranças culturais, dentre elas, a arte do bordar. A bordadeira ALTV afirmou que atualmente na sua família, raro encontrar alguém que gosta de bordar. Sua filha por exemplo, não gosta, porém, borda somente para ajudar a mãe, já o seu filho, gosta de artesanato, porém, não borda, ele tem maior interesse por pinturas em cabaças.

Ensino bordado pra minha filha, mas ela não gosta. Ela até me ajuda quando eu preciso. Mas ela não gosta não. Meu menino gosta (De trabalhos manuais). Ele gosta de pintura em cabaça (ALTV).

Os bordados dão vida a essas vidas e podem sim, ser utilizados como expressão de uma existência (Chagas, 2010), resistência e fonte de lazer. Em busca de encontrar novas condições para bordar, após o rompimento da barragem de Fundão, as bordadeiras foram obrigadas a se reinventarem e utilizaram o bordado, para trazer um mínimo de prazer e dar novo sentido às suas vidas, para além do trabalho.

De acordo com o sociólogo francês Joffre Dumazedier (1976), na existência humana, trabalho e lazer estão inseridos. O autor considera o lazer como um conjunto de ocupações opostas ao trabalho e afirma que o lazer é o resultado das sociedades

urbano industriais, excluindo, assim, a fruição do lazer das comunidades e suas culturas tradicionais e rurais. Christianne Gomes (2004) contesta:

É importante enfatizar que, na vida cotidiana, nem sempre existem fronteiras absolutas entre o trabalho e o lazer, tampouco entre o lazer e as obrigações profissionais, familiares, sociais, políticas. Afinal, não vivemos em uma sociedade composta por dimensões neutras, estanques e desconectadas umas das outras, como o conceito de lazer proposto por Dumazedier, nos faz pensar (Gomes 2004, p.121).

Gomes (2014) considera o lazer como necessidade humana em uma dimensão cultural constituída, o que engloba valores e interesses individuais e/ou de grupos e tende a integralizar seu contexto histórico, social e cultural (Gomes, 2014).

A respeito das bordadeiras de Barra Longa, foi possível identificar que a não existência de contraposição entre trabalho e lazer, pois, para elas, o bordado traz dignidade, atua como fonte de renda e é considerado lazer, conferindo-lhes autoconhecimento, prazer e descanso. A relação sociedade natureza, segundo elas, não é vivenciada de forma dual, ou seja, todas as dimensões humanas e ambientais convergem em suas práticas artesanais e cotidianas. Faz-se necessário estabelecer um diálogo permanente e construtivo com essas mulheres, na busca de viabilizar a continuidade desses saberes culturais, em prol de encontrar soluções para o problema não gerado por elas, o rompimento da barragem, que alterou os seus modos de vida.

Para minimizar esses problemas, é importante que as empresas responsáveis pelo desastre, ofereçam propostas que gerem autonomia e resgate das identidades culturais da cidade onde estão inseridas nosso objeto de estudo. Importa que se tomem decisões não uniformizantes, considerando a importância deste saber, não apenas como fonte de renda, mas também de lazer. Foram inúmeros os prejuízos, tanto materiais quanto imateriais, que tornam ainda mais difíceis as ofertas para a resolução desses impasses. O bordado se enquadra em um campo de relações em que as práticas dos sujeitos estão ligadas ao seu cotidiano. Portanto, não pode ser considerado

estático, e se constitui em um modo particular de suas interações, por isso é chamado de vivência cultural (Luce; Debortoli; Gomes, 2010). Neste sentido, as soluções apresentadas não dialogam com essa vivência.

A partir dessas perspectivas, este estudo analisou o saber cultural das bordadeiras de Barra Longa, como uma necessidade humana associada às identidades culturais e ao lazer, assim como suas principais modificações, após o rompimento da barragem de Fundão. A manutenção desses saberes culturais surge como provocação, uma vez que trouxe à luz nuances importantes desse novo contexto, inclusive quanto à preservação de memórias histórico familiares.

As respostas encontradas nas interações entre o lazer e o bordado, reconhecem a arte de bordar como uma fonte de lazer, num diálogo estabelecido entre os saberes adquiridos através de uma tradição passada de mãe para filha. Essas vivências do bordado como lazer, sofreram interferências a partir do rompimento da barragem de Fundão.

Esse artigo perpassa o pensamento complexo e o significado da vida dessas mulheres bordadeiras, onde a estrutura oferecida pelo cotidiano e seus hábitos, é obrigada a se refazer, em função de um acontecimento indesejado.

Procedimentos Metodológicos

Natureza da pesquisa

O presente estudo implementou-se por meio de uma abordagem metodológica qualitativa, exploratória e descritiva, elaborada em processos dialógicos. Para Freitas e Jabbour (2011), os estudos exploratórios são aqueles nos quais o pesquisador se

debruça para conhecer uma determinada realidade ainda não explorada, no intuito de descrevê-la, estudá-la e compreender seus meandros.

A proposta desse artigo configurou-se como uma pesquisa de natureza prática, que utiliza a teoria apenas no sentido de embasar a problematização, interessada na produção de conhecimento sobre o bordado como fonte de lazer e resiliência. A elucidação dos fatos se dá através dos depoimentos coletados, que fazem emergir as consequências relacionadas às transformações nas práticas sociais cotidianas das bordadeiras da cidade de Barra Longa – Minas Gerais, após o rompimento da barragem de Fundão.

Cuidados Éticos

Após a submissão e aprovação deste projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMG, CAAE – 36256620.6.0000.5149, e antes da realização das entrevistas, a pesquisadora informou às entrevistadas os principais objetivos da pesquisa e a maneira como seriam conduzidas, as quais somente foram realizadas, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que garante o sigilo e a possibilidade de a participante retirar-se do estudo a qualquer momento, se assim desejar, bem como obter acesso às informações sobre seus resultados.

Devido à ocorrência da pandemia de Covid-19, iniciada em novembro de 2019, durante as entrevistas, tivemos que utilizar, além das máscaras protetoras de nariz e boca, o distanciamento físico, com objetivo de não comprometer a saúde das entrevistadas e da pesquisadora. Os nomes das entrevistadas serão mencionados neste artigo através de siglas, visando proteger suas identidades.

Coleta de Dados

Para viabilizar a participação dos sujeitos na coleta de dados, foi realizado o primeiro contato, inicialmente por telefone, através de mensagens via aplicativo *Whatsapp*,¹ com a bordadeira MAL, no ano de 2017. Após ser prontamente atendida por ela, essa proposta de trabalho ganhou vida e foram estabelecidas as datas para a realização da coleta de dados.

O encontro com as bordadeiras ocorreu na “Casa das Artes”, local onde funciona uma loja destinada a exposição e venda dos trabalhos de bordados, crochê e artesanato em geral, feitos por elas. Na busca de obter maior fidelidade das informações coletadas em campo, utilizamos as entrevistas semiestruturadas para iniciar os diálogos, que foram gravadas por meio do aparelho gravador de voz digital Sony Icd-px470 4gb Mp3. Foi solicitada por áudio a permissão para gravar os depoimentos, com vistas a enriquecer a pesquisa.

As entrevistas foram direcionadas no sentido de auxiliar na condução dos relatos sobre questões preestabelecidas pela pesquisadora, porém não os engessa, ao contrário disso, têm caráter de conduzi-los à espontaneidade, na tentativa de apreender as revelações e impressões individuais. Os encontros tiveram duração entre 30 minutos e até 2 horas, dependendo da disponibilidade de tempo e respeitando os assuntos demandados por elas. O número de amostragem foi definido a partir do comparecimento das bordadeiras na data e horários agendados.

As transcrições foram realizadas na íntegra, o que permitiu capturar e analisar todos os detalhes do pensar de cada ator envolvido nesta etapa da pesquisa. Foram analisados o bordado associado ao lazer e as consequências provocadas pelo derramamento de lama na cidade.

Análise dos Dados

Durante a análise dos dados, os depoimentos foram separados por categorias, que obedeceram às ideias e frases presentes nos discursos que tratam do mesmo tema. A partir daí, os assuntos foram adicionados ao texto, de acordo com a demanda da escrita, sempre buscando utilizar um embasamento teórico de consistência para sustentar as análises. Foi estabelecida uma cronologia dos fatos e segundo sua ordem de relevância, na medida de seu aparecimento nos discursos dos sujeitos.

O desenvolvimento da pesquisa de campo com as bordadeiras de Barra Longa, descreveu as representações do coletivo dessas bordadeiras, compreendendo-as como membros de um processo do bordar cultural da região. Trabalhou-se no campo da complexidade, por meio de interações e conexões, na busca de compreender o fenômeno estudado, com foco nas relações e convergências entre os próprios depoimentos, a realidade local e a teoria que suporta o debate.

Resultados e Discussões: Bordados, um sentido para a vida

O artigo tem a pretensão de dar visibilidade ao lazer encontrado no ato de bordar das bordadeiras de Barra Longa, bem como as mudanças ocorridas neste ato, após o rompimento da barragem de Fundão. Na cidade de Barra Longa, o bordado foi trazido de Portugal, especialmente da Ilha da Madeira e foi assimilado pelas bordadeiras daquela região. Posteriormente, essas bordadeiras deram ao bordado um cunho original e próprio, dando-lhes um formato regional barra-longuense. Essa história se confirma a partir dos relatos de AMP e MAL, que dão conta da sua origem e contribuem para a compreensão da qualidade desses bordados.

O bordado chegou em Barra Longa desde quando o bandeirante chegou aqui. Quer dizer, antes de ser fundada a cidade. E quando chegaram aqui desbravando, já veio gente bordando. E agora, há pouco tempo, foi descoberto por que que o nosso bordado é tão perfeito. Porque veio com uma família de Portugal, lá da Ilha da Madeira. Diz que a origem do nosso

bordado é de lá da Ilha da Madeira. Bom, eu não sei como o bordado é feito lá, mas já ouvi dizer que é muito perfeito. Que lá é a terra do bordado e foi uma família de lá que trouxe o bordado pra cá. Não faço a mínima ideia qual o nome da família. É uma pesquisadora que descobriu isso. Xeretou até descobrir.

Quem fundou a cidade foi um tal de Mathias Barbosa.² Ele é o primeiro que chegou aqui, né? Acho que é isso mesmo, acho que é Matias Barbosa mesmo o nome dele.

Só que essa família já veio com ele. Mas não era família importante não. Só gostava de bordar. Eu não sei exatamente como era, mas foi o comentário que eu ouvi. Só esse, porque não fui eu que pesquisei, né? Amanhã a MAL fala melhor com vocês sobre isso, tá? (AMP).

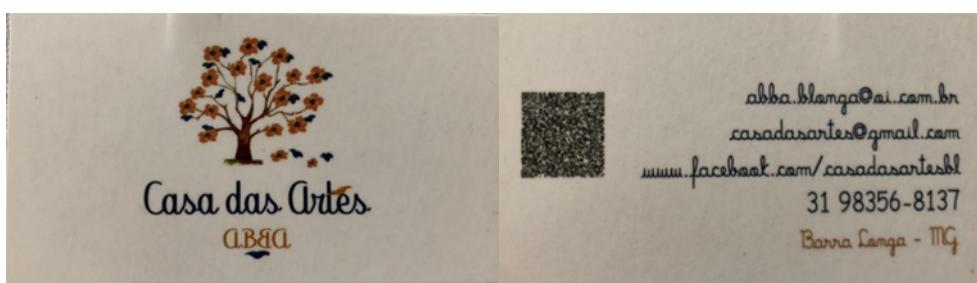
Bom, o ano eu não sei não, mas algumas coisas eu sei falar. Quando eu comecei mesmo a me profissionalizar a respeito do bordado, dessa tradição em Barra Longa, eu me envolvi muito assim e procurei me informar. O que acontece: Barra Longa, desde quando os portugueses vieram para o Brasil, ela também foi colonizada pelos portugueses. Nós temos duas professoras de linguística aqui de Barra Longa, que são professoras da UFMG. Elas relataram, na pesquisa delas, que Barra Longa, foi colonizada pela região da Ilha da Madeira, os portugueses da Ilha da Madeira de Portugal. Então, por isso, esse bordado tão aguçado né, esse bordado que todo o mundo tem uma peça bordada em casa e tudo, né? Eu venho de uma família tradicional, eu tinha uma avó que fazia crivo antigo, um crivo muito característico da região aqui, e o matiz que também foi e tudo, então, eu acredito que seja isso, né? E aqui, nós tínhamos velhos salões de bordados, que era da Budi, eu não sei o nome dela, sei que era Budi. Era com o Richilieu, o bordado a máquina, naquelas máquinas antigas de pedal ainda. E o salão de Dona Lalá, que era o salão que era bordado matiz, os pontinhos, e tem também o bordado crivo, que foi das minhas parentes, que é o crivo do norte e esse crivo antigo que era de Zica e Marica. Essas coisas que eu sei, assim. Essa Dona Lalá, ela tinha um defeito na perna, mancava, e ela era professora, e quando ela se viu assim, ela não dava conta de trabalhar, ela começou a bordar, bordar enxovias. Vinham pessoas de muitos lugares trazendo o enxoval da família inteira, das moças que iam casar, pra ela fazer, entendeu? Então, o que eu sei é esses relatos, mas se você tiver mais alguma pergunta ou curiosidade, eu me disponho a responder, tá? E hoje nós continuamos a tradição desse bordado e isso estende a todo território, entendeu. Nas comunidades rurais, nós temos muitas bordadeiras. Tem o crochê, que é muito bem feito aqui em Barra Longa, e aqui também tinha uma família que fazia essa franja, hoje eles chamam de macramê, antigamente eles falavam franja de brólia ou de abrolhos, não sei, eles falavam brólia aqui em Barra Longa. Tinha uma família que fazia este trabalho de brólia aqui em Barra Longa, que hoje eles chamam de macramê (MAL).

O bordado atua como forma de estar e de ver o mundo, e seus produtos ou resultados são parte integrante da vida de muitas mulheres. É um processo de aprendizado, domínio de técnicas e de repertórios, disciplina do corpo e criação de vínculos (Brito, 2010). Participaram da pesquisa um quantitativo de nove bordadeiras,

com média de idade entre 34 e 73 anos. A maioria das bordadeiras foram entrevistadas através de um encontro marcado na Casa das Artes, local onde funciona o projeto da Associação Barra-longuense de Bordadeiras e Artesãos (ABBA³), em parceria com outros 30 artesãos da cidade. As exceções foram as bordadeiras RBFF e DFFB, que nos recebeu em suas residências e também a bordadeira MAL, que devido a incompatibilidade de horários, foi entrevistada por telefone, por meio do aplicativo *Whatsapp*⁴.

A ABBA fomenta o artesanato em Barra Longa, dando maior visibilidade aos trabalhos realizados pelos artesãos da cidade. A cidade de Barra Longa é conhecida pela beleza e perfeição de seus bordados (ABBA, 2021). O saber do bordado foi passado de geração em geração, como forma de manter viva a tradição desta arte e de manterem-se conectadas com os conhecimentos e as histórias de suas mães e avós, num saber múltiplo e diverso. As bordadeiras utilizam deste saber para reproduzir cenas cotidianas como forma de expressão e interação entre quem borda, o grupo e o local onde se está inserido. Este compartilhamento de saberes proporciona inclusive, momentos de lazer e auxiliam na reorganização de espaços e novos estilos de bordar. As trajetórias de vidas relacionadas ao bordar como fonte de lazer, apresentam suas historicidades antes e após o rompimento da barragem de Fundão.

Figura 1: Arte gráfica Casa das Artes



Fonte: Fotografia da autora (2020).

A Casa das Artes é uma casa simples que funciona como espaço de exposição de trabalhos artesanais disponíveis para a venda. As bordadeiras disseram fazer parte dos projetos relacionados aos bordados, algumas, disseram fazer parte apenas do projeto Casa das Artes, outras, fazem parte tanto da ABBA quanto da Casa das Artes. Apenas LGR afirma nunca ter feito parte de nenhum projeto, pois, de acordo com ela, é muito difícil fazer parte desses projetos e, desde sempre, trabalha bordando para terceiros.

As meninas da Associação e as Meninas da Barra, bem dizer, são as mesmas, e eu também participo do outro grupo. Dos dois grupos, a diferença é que lá tem duas integrantes que não participam da Casa das Artes, o resto tudo junto e misturado (ALTV).

Eu não pertenço à Associação por causa das pessoas que tá lá. Você tenta entrar e eles falam assim: que tem que ter uma burocracia danada. Inclusive, teve um negócio de curso de bordado da Associação lá e da Casa das artes, tentei entrar e depois acabei desistindo. Eu tenho vontade de participar (LGR).

É porque é assim, vamos supor: a Margarida recebe a encomenda de toalha. Ela vai e compra a toalha, escolhe o ramo, me dá a linha, aí eu bordo. A encomenda é dela e eu bordo pra ela. Ela pega a encomenda, eu bordo, e ela me paga o valor do bordado que eu bordei e o resto é dela. São quatro pessoas que eu bordo aqui em Barra longa, eu bordo pra Chiquita, mas eu bordo mais mesmo é pra Margarida (LGR).

O rompimento da barragem de Fundão e a destruição da cidade de Barra Longa, influenciou na permanência das atividades da ABBA, que permaneceu fechada devido à invasão da lama. As bordadeiras afirmam que, antes do rompimento de Fundão, haviam participado de outros projetos e exposições de artesanato, que lhes renderam um dinheiro para comprarem materiais para a ABBA.

Nós fizemos projeto, já ganhamos até um dinheiro na mão deles, fomos fazer exposição lá.... Isso antes do rompimento. E ajudou a gente, deu a gente um dinheiro que depois a gente comprou um material pra ABBA né? Isso antes do rompimento (MCP).

Nós temos a ABBA, que ficou fechada lá. Mas ficou fechada mais de ano (MCP).

Ó, nós tivemos participação em uma feira lá em Brasília, que a Renova levou a gente, ano passado. Eu não fui não, foram duas representantes do grupo, então funciona assim, claro, às vezes não dá para levar o grupo todo. Vão alguns representantes. Nós estivemos na feira lá em Vitória do Espírito Santo, lá eu fui, foi muito bom. E outras mais, digamos, na Expominas, nós já participamos duas vezes (AMP).

Das nove bordadeiras entrevistadas, todas consideram a importância de seus bordados, cujas habilidades são evidenciadas em cada ponto a ser aplicado nos tecidos e reproduzem seus saberes e conhecimentos específicos nessa arte. Para Sousa (2019, p. 36), “bordar é expressar afeto por agulhas e, apesar da escrita acadêmica, tentar se aproximar cada vez mais das singularidades humanas, é necessário compartilhar este estudo com histórias e vivências pessoais”. O bordado é naturalizado como parte da vida de muitas mulheres. Malta (2015) contribui com dados sobre a existência dessa cultura, inclusive em colégios femininos.

O aprendizado em casa e nos colégios femininos reforçava a ideia de naturalização da costura na vida da mulher oitocentista, quase como algo atávico ao feminino. Toda jovenzinha recebia seu pedaço de pano, onde aprendia seus primeiros pontos, com a mãe ou uma instrutora, e armazenava os motivos preferidos em uma espécie de mostruário e prova de percurso. Muitos desses panos se transformavam em quadros e adornavam os quartos de costura e de dormir ou foram guardados como lembrança, como um emblema dos pendores da mocidade (Malta, 2015, p. 7).

O modelo de educação para moças nos colégios internos, oferecia também trabalhos manuais, no sentido de prepará-las para as atividades do lar, e assim, produzir jovens prendadas (Chagas, 2007). Para AMP, o colégio interno foi o recurso possível para vislumbrar uma possível trajetória maior do que sua realidade lhe permitia, ou seja, uma realidade sem recurso. À AMP, até isso lhe foi negado, e ela teve que lutar, aprendendo com os restos de linhas que catava no chão, ou que eram doadas pelas “aduladeiras”.

Eu... sempre bordava alguma coisinha, não tinha muito o que bordar não, porque a gente não tinha muito recurso... aliás não tinha recurso nenhum. Depois, com dez anos, eu fui pro colégio. Lá no colégio, num orfanato...

porque eu queria estudar e não tinha escola lá na roça, eu tinha uma prima que estudava lá nesse colégio e arrumou uma vaga pra mim. Eu era bem pequenininha, lá as meninas tinham um horário de trabalhos manuais. Mas eu era tão “impirriada”, tão pequena que ninguém me dava confiança. Não adiantava, ninguém tinha confiança de por linha e agulha na minha mão lá. Aí o que que eu fazia? Arrumava uma agulha, às vezes aparecia uma “aduladeira”, me dava uma agulhinha, eu catava as linhas que elas jogavam no chão, dos bordados, pegava os paninhos, roupinha de boneca e bordava. Era o recurso que eu tinha, não tinha dinheiro, não podia comprar material pra bordar nada, então, meu recurso era esse, né? Bordava. Minhas bonequinhas tinham enxovalzinho todo bordado. Tudo com pedacinho de linha, e foi assim que eu fui... (AMP).

No ambiente acadêmico ao longo dos tempos, a arte do bordado e outras práticas artesanais, foram marginalizadas em relação a outras artes, como pintura, escultura e por isso, eram pouco estudadas e reconhecidas. O não estudo desta arte na academia, é associado aos “[...] estigmas de classe, gênero e raça na cultura ocidental” (Dias, 2019, p. 52). No tecer da vida, imagens e recordações formam as memórias, entrelaçam o passado com o presente e conectam ascendentes e descendentes na construção dos indivíduos. A construção de si é baseada em conhecimentos adquiridos e objetos que pertencem ao espaço do saber (Sousa, 2019).

O bordado, segundo as participantes da pesquisa, é uma atividade iniciada na infância e transgeracional, passada pelas mãos de avós, mães e filhas, heranças que trazem diversas maneiras de bordar, significados e valores. Assim, essas mulheres adquiriram o gosto e o prazer pelo bordado. O espaço privilegiado de bordar é o doméstico, onde são revelados algo invisível e surpreendente, considerado lugar de liberdade de criação. Na coletividade essas mulheres bordam e é ali que ocorrem trocas de saberes e de superações, como nos relata AMP, que não aceitou o lugar de desacreditada no colegio interno, pois, com pedacinhos de pano e restos de linhas, foi capaz de elaborar suas próprias criações.

Olha... desde quase bebê, porque o bordado... a gente já nasce vendendo o bordado. Eu aprendi os primeiros pontinhos de bordado, era muito pequenininha. Eu lembro que minha mãe foi ensinar pra uma menina, uma pré-adolescente, ou uma menina que era bem maiorzinha que eu. E eu, na hora que vi a minha mãe ensinando pra menina, eu abri a boca pra chorar, chorei até ela me dar uma agulha, linha e uma pedaço de pano, que eu queria

bordar. Aí, foi assim que eu comecei. Aprendi os primeiros pontinhos do bordado, imagina a maravilha que ficou, né? Não dá nem pra imaginar...Mas foi assim ... (AMP).

Ah... não sei, tem muitos anos. Minha mãe bordava, então eu aprendi bordar com a minha mãe. Eu devia ter uns nove pra dez anos, minha mãe já começou a me ensinar. Aí minhas irmãs também bordam até hoje, uma até já faleceu. Mas eu tenho mais duas irmãs que bordam também muito (RBFF).

Comecei com minha mãe né, minha avó bordava, minha tia, minha avó fiava aqueles fuso⁴ né, que eles falam, né? Então, fazia o pano, tecido e naquele tecido bordava o crivo,⁵ fazia toalha, fazia tudo. E foi passando de bisavó pra vó, de vó pra mãe, e mãe me ensinou também. Aí eu ia aprendendo fazer bainha,⁶ fazer matiz,⁷ fazer tudo (MCP).

Eu nasci em Ponte Nova, mas sempre morei em Barra Longa. Então, via a minha mãe fazendo bordado e aprendi com ela. Ah... eu tava assim com uns dez anos. Ela armava a cercadura e eu fechava. Ela fazia, eu bordava fechando. Cercadura é de bordado mesmo. Você borda o ramo e faz a cercadura⁸ (LGR).

Os relatos das trajetórias de vida das bordadeiras iniciadas na infância, proporcionaram a troca de saberes e aprendizados entre elas. IFL também relata que inciou o bordado com as irmãs mais velhas, que aprenderam com a mãe e repassavam para as irmãs mais novas.

Nove anos, fui bordando, depois me casei, vim pra Barra Longa, comecei a trabalhar bordando pros outros. Minha mãe bordava, mas a filharada não deixava. Nós somos sete, então, eu sou a mais velha. Aí não tinha como, né? Ela ser dona de casa e mãe de uma família grande.... Aí eu comecei a bordar em Barra longa e falei: “vou começar a trabalhar comigo mesmo”. Bordava uma toalha de mesa pra casa, nós éramos quatro mulheres. Minha mãe nunca deixou vender nada. As irmãs mais velhas ensinavam as mais novas. Minha mãe me ensinou, pra me ensinar minhas irmãs. Então, elas moram no Dom Silvério. Bordam e faz crochê muito bem! (IFL).

O real valor do bordado em contextos de vidas simples, era para a decoração das casas, simbolizando graça e dando beleza a esses lares.

Minha mãe não era bordadeira, a minha mãe era lavradora. Ela trabalhou na roça pra cuidar da gente, só que umas pessoas tinham o hábito de ter as coisas, mas todo mundo sabia bordar. Porque cada uma bordava as coisas de sua casa. Minha mãe fazia vestidinhos bordados pra mim. Eu tinha vários vestidinhos bordados (AMP).

A minha casa era uma casinha de sapé, casinha de taipa, mas eu lembro de uma prateleira de madeira, feita pelo carpinteiro que morava lá na nossa

comunidade, por sinal era meu tio avô, ele fazia todas as coisas de madeira pro povo lá da comunidade. Ela tinha aquela prateleirinha assim, bonitinha, com armação e as tábuas formando as prateleiras e, naquelas prateleiras, minha mãe não punha as vasilhinhos na tábua pura, era com paninho branco, de saco, sacaria, mas já era tudo bordado com bainha, tudo bonitinho. E eu, desde que eu me lembro de mim, eu via aquilo ali, tudo bonitinho, tudo bordadinho. E punha as panelinhas, as coisinhas assim, em cima daquela prateleira, mas assim, toda semana ela trocava aqueles paninhos, aí enfeitava o varal com os paninhos bordados e punha outros diferentes lá, mas sempre assim, que eu me lembro eram todos de saco, de saco branco, tudo bordado (AMP).

Esse depoimento, nos remetem à época em que bordados, promoviam uma fruição estética nos lares, mesmo os mais simples, haviam toalhas de renda bordadas, paninhos bordados nas prateleiras, nas mesas e nos móveis. Essas peças, como nos diz Malta (2015, p 1), “[...] amparavam formas de comportamento, participavam na construção de identidades e gênero, auxiliavam a desenvolver um tipo de percepção visual, num gosto pelos detalhes e ornamentos”.

É porque minha família toda, minha avó, minhas tias, minha mãe, eu fui criada nisso. O bordado sempre serviu para mim para tudo. Porque eu fui criada na família de costureira, minha avó também, então, todo mundo mexia com isso, então, eu tomei amor por isso. E tanto é que eu formei professora, sempre bordando e estudando, comecei a lecionar e eu não quis isso. Eu vi que minha profissão mesmo era largar a sala de aula e continuar com o meu bordado. Eu cheguei dar aula um mês. Eu sempre gostei de ter esse amor pelo bordado, eu me sentia bem (DFFB).

Com muito orgulho, RBFF nos mostra os bordados deixados pela mãe como recordação. Percebe-se a evidência da perfeição nos detalhes e nos acabamentos. Ela afirma que essas peças são usadas apenas em ocasiões muito especiais, como o Natal e aniversários da família.

Minha mãe fazia matiz muito bem, bordava ponto cheio muito bem. Em Ponte Nova, ela fazia muito bordado pra fora, uma minha irmã que eu perdi ela nova, tinha as mãos.... Nem se comparavam com as minhas. A gente ficava em casa com a mamãe, bordando (RBFF).

Sabe aqueles bordados que estão ali na parede, dá uma chegadinha lá pra você ver aquele quadro na parede. Tem o nome da minha mãe, também chamava Raimunda tá, aquele quadro foi minha mãe que bordou, minha mãe

já faleceu. Tem a data e tudo no quadro ali e o nome dela. Eu tenho um quadro também lá em cima muito bonito que foi ela que bordou (RBFF).

O bordado atua na vida das bordadeiras como uma forma de controle e de poder, pois utilizam-no como elemento de socialização nas rodas de bordado e também como trabalho solitário nos lares, locais onde ocorrem suas próprias criações autônomas. São momentos de compartilhamentos de histórias entre mulheres, distantes da presença masculina (Malta, 2015).

A aproximação de laços através da transmissão de saberes de agulha caracteriza a prática do bordar, circunscrita em um espaço doméstico, compartilhando gerações e trazendo uma outra dinâmica à vida familiar. Apesar de instituir a domesticação feminina, com confinamento da mulher no espaço doméstico, esta prática acabou por reforçar a coletividade entre mulheres que passavam o dia reunidas, tecendo juntas, longe dos homens, contando histórias, assumindo poder sobre sua própria produtividade e autonomia de criação (Sousa, 2019, p. 36).

Consideradas como portadoras de ausência de dotes intelectuais e sem condições de originar e realizar grandes artes, as mulheres foram privadas de acesso a outros tipos de competências, muitas vezes vistas como associadas ao estigma do trabalho feminino. Sofrida ao longo dos tempos, a desvalorização não somente das mulheres, mas também da arte, está vinculada tanto aos fenômenos estilísticos, como às questões de gênero, de ordens políticas, ambientais e hierárquicas, construídas socialmente (Sampaio *et al.* 2011).

As construções culturais de poder entre homens e mulheres, não são privilégios apenas desse tempo e espaço, estão em todas as esferas da vida, inclusive sobre o que e como fazer algo, como atividades envolvendo a arte. Nesse artigo, não serão aprofundadas questões de gênero na arte, no entanto, a título de curiosidade, algumas bordadeiras afirmam que os homens de Barra Longa são muito machistas e que jamais

iriam se dispôr a bordar, porém, de acordo com Sampaio *et al.* (2011), as questões de arte podem ser culturalizadas.

Os estudos mediados pela categoria de gênero, põe em evidência processos de construção do saber visando à desnaturalização daquilo que é cultural e socialmente construído. As matrizes de gênero desenhadas nas culturas são um dos exemplos que têm força de imprimir aos corpos algo que transcende sua anatomia. Os estudos das masculinidades e feminilidades atestam que não há um biológico que não seja culturalizado, bem como o inverso. (Sampaio *et al.* 2011, p. 32).

A modernidade veio acompanhada de um consumo desenfreado e nele, está a exploração mineral, que carrega consigo consequências negativas, muitas vezes negligenciadas pelos poderes públicos e empresas do ramo, em função de maior obtenção de lucro e renda.

Os dejetos da mineração deixaram um rastro de destruição em Barra Longa e as bordadeiras afirmam terem vivenciado este cenário compulsório, de forma intensa e única, com impactos dolorosos e marcantes, nos quais influenciaram até em seus estilos de bordar. Relatam o episódio, sob a ótica do que se passou antes, durante e depois da tragédia, cujos efeitos se arrastam até os dias de hoje. Vidas foram profundamente afetadas. A fala de MAL, reafirma que a história da cidade se divide entre períodos pré e pós rompimento da barragem.

Eu falo que Barra Longa é antes da lama e Barra Longa depois da lama. Eu achei que piorou muito. Nós tínhamos esses hábitos de conversar. Depois que se fica um ano presa em casa, que se tem dificuldade de encontrar com os amigos, com os vizinhos, ficou muito restrito. Acaba você não fazendo mais, ou fazendo menos, então, isso foi muito prejudicado aqui em Barra Longa (MAL).

Foram deixados de lado alguns costumes relacionados aos locais onde bordar, como nas portas das casas, na praça e locais públicos em geral, onde aconteciam trocas de conversas informais entre amigos, consideradas por elas, formas de lazer.

Ah e antes de vir a lama também, eram costumes das mulheres de Barra Longa, eu mesma já fiz muito isso, de costurar na praça, sabe, nas rodas de conversa, nas portas, botar sua cadeira e tudo, fazer o crochê, o bordado à

mão, sabe, o crivo mesmo, então a gente juntava muito pra fazer esses bordados. Depois da lama, isso se perdeu na história, sabe, da nossa história. Hoje é muito raro você vê alguém costurando na praça, nas ruas, porque as nossas praças foram todas tomadas pela lama, e hoje nós não temos uma árvore que dá sombra na praça. Hoje não tem como você ficar na praça e nas portas também, hoje ainda tem muita poeira, isso também se perdeu (MAL).

As bordadeiras revelaram que utilizam o bordado como forma de dar sentido e significado às suas vidas, este, com poder de ressignificação após o desastre de Fundão, conferindo prazer aos momentos de angústia e dor, vividos por elas. Relatos dão conta de que os bordados deixados como heranças maternas, considerados como relíquias, foram cobertos de lama. “Suas vidas mudaram da água para a lama.” (Ferreira, 2018, p. 102). Para se referir aos seus bordados, IFL enfatiza o seu valor, como se fossem entes queridos postos em risco de morte e que precisavam ser socorridos.

Eu estava em casa em torno de 16 horas da tarde. Quando ela (a lama) chegou em Barra Longa, já eram mais de uma hora da madrugada. Falaram de sair, mas ninguém acreditava que ia chegar ao nível que chegou não. E na hora de sair daqui de casa, eu tava socorrendo meus bordados, minhas máquinas, tentando tirar de um lugar e passar pra outro, que não adiantou nada (IFL).

Mediante tantas perdas, o caos instaurado e a necessidade de superação, as bordadeiras, em diversos momentos, demonstraram em suas falas, atitudes de resiliência e o desejo de resgate de suas vidas. O bordado se configura no trânsito das duplicidades: avesso e direito, visível e invisível, o macro e o micro, e traz uma cartografia afetiva (Dias, 2019). O avesso como parte essencial do bordado, diz muito sobre uma subjetividade singular dessas mulheres. Esta singularidade foi alterada pela lama. Suas histórias, memórias, silêncio e sofrimento ficam visíveis, crescem nesse avesso da vida, não esperado. O trans(bordar) do rio, virou a vida delas ao avesso, trazendo muita sujeira e lama fétida, mudou a cor dos tecidos, pintou de marrom o que era colorido. O bordado cedeu lugar ao sofrimento e a dor. Com o rompimento da barragem, a perfeição

do avesso em seus bordados se perdeu. Felizmente, mesmo que o bordado tenha sido colocado à borda, este sobrevive até na borda e segura a vida.

O bordado ajudou muito a gente lá. Pelo menos recuperar a autoestima, né?
... que a gente fica com ela meio baixa, porque, uai, cê fazia tudo naquela alegria, né? E, de repente, ver tudo ir...(MCP)

Quando faço meu bordado e artesanato, eu esqueço esse sofrimento! Eu vou longe! (ALTV).

Como imagem do desfiar e do fiar de um fazer poético, a arte de bordar traz à tona a necessidade de enxergar o outro lado do tecido, como fonte de resgate e superação (Padilha, 2018). O tecer da vida não é linear e por vezes, oferece linhas tortuosas borradadas de lama, e essas mulheres se apropriaram dessas linhas para contar suas histórias, na singeleza do bordado.

Onde e como eu Gostava de Bordar antes do Rompimento?

As bordadeiras utilizam o bordado como instrumento de compartilhamento de suas vidas privadas, num desejo de entrelaçar vidas e linhas, estreitar laços, aperfeiçoar e dividir os saberes práticos de como bordar, numa conexão onde o bordado exerce a função de unir arte, lazer, prazer e trabalho (Sousa, 2019).

Em decorrência da presença de trabalhadores da Samarco e de outras pessoas estranhas transitando o tempo todo na cidade, após o rompimento da barragem, as práticas de bordar como forma de lazer na praça, nas portas das casas e em lugares cedidos por alguém foram preteridas.

Eu bordava na praça. Fazia meus artesanatos na porta da casa, porque eu morava na praça, né? Bem dizer na praça, na varanda da minha casa (ALTV). Eu não tinha costume de bordar na pracinha, mas via a Denise de Zizinha. Bordava muito em praça. Pici também bordava, antes do rompimento. Depois do rompimento... (IFL).

Ah, muito difícil! A gente passeava na pracinha assim, juntava certas bordadeiras, às vezes. Tinha hora que a gente juntava um pouquinho, aquela turma, e ficava bordando, mas era mais aqui no bar, aqui do lado, nessa pedra

aqui. Minhas colegas vinham na porta aqui do lado da padaria, do nosso bar, no restaurante, tinha uma mesinha do lado de fora e eu vigiava também o bar, bordando. Eu costurava aqui na porta do lado do restaurante. E o pessoal de fora chegava, via e muita gente que frequentava o bar também comprava os bordados na minha mão e, além de tudo, eu ainda saía, tinha o dia da semana que eu saía, a quarta-feira, de acordo com as encomendas, para vender e para entregar as encomendas. Eu ficava muito aqui no bar e, depois que nós fechamos, eu ficava do lado da igreja ali na porta. Os outros ficava assim: “você tá vigiando a igreja, hein, Denise”? - Pergunta aí para você ver no Barra Longa. Ah, eu gostava! (DFFB).

Tinha esse grupo de bordadeiras que já saíam, mas eu não fazia parte do grupo. Bom, elas bordavam assim, o bordado era sempre em casa, elas não tinham lugar, depois elas ganharam um espaço que uma pessoa de bom coração cedeu pra elas, porque elas não tinham que pagar aluguel nem nada, né? Um homem, chamado Mirim, que cedeu um espaço, onde elas expunham os trabalhos delas e era do grupo. Eu não bordava lá na pracinha não, mas tinha gente que fazia isso (AMP).

Depois que fechou o restaurante, eu ficava ali na porta de casa bordando, aí todo mundo de fora que chegava via, tinha umas colegas minha que vinha, tinha a mesinha aqui do bar, aí a gente ficava costurando. Pergunta todo mundo de Barra Longa para você ver (DBBF).

Eu comecei bordar na casa da minha cunhada, eu bordava muito pra Pici, pegava bordado direto dela (SRC).

Eu não tinha costume de bordar na praça não, algumas vezes, que a gente encontrava, tinha alguém assentado na praça, a gente ia lá e assentava, mas eu nunca tive o hábito de assentar na praça não (MAL).

Todas as bordadeiras, de alguma forma, tiveram seus costumes e encontros de lazer para bordar, dentre outras práticas, inclusive as religiosas, abandonados após o rompimento.

Fazia todo ano a nossa novena de natal, que era muito bonita em nosso bairro. Depois da lama, não fizemos mais, não sei por quê. Muita poeira, o local que a gente encontrava ficou com muito barro, agora que normalizou, refez lá e tudo, mais assim, o pessoal ficou meio perdido na cidade, a poeira tá muito forte ainda (IFL).

Depois do rompimento, acabou tudo, ninguém mais borda, não tem graça nenhuma (SRC).

Agora não tem isso mais! Não bordo mais na praça e nem na porta de casa. Cabô! (ALTV).

Segundo AMP, a prioridade era limpar a sujeira da cidade e em sua rotina foi acrescido um mutirão para servir desde o café da manhã até o jantar para os voluntários,

num trabalho ininterrupto de ambas as partes, não havendo mais tempo para se dedicarem ao bordado.

E depois do rompimento essas práticas de bordar iam continuar como? Não tinha jeito! Eu parei porque eu já não tinha tempo de bordar, quando chegaram os voluntários, no momento, aí a gente teve que parar tudo. Porque eu e mais um grupo de pessoas e um monte de gente veio pra cozinha fazer comida, não podia deixar o povo morrer de fome. Veio um grupo grande de voluntários, pra ajudar a limpar a lama da cidade, aí a gente veio lá pro salão paroquial, o salão da igreja, a igreja que sempre tá ajudando, e aqui como a gente tem um bom espaço, a gente foi ajudar a dar comida, a fazer a comida. A gente trabalhava de sete da manhã às oito da noite, desde o café da manhã. A gente servia pro pessoal até a janta, porque não podia deixar o pessoal trabalhar nessa lama e com fome, não tinha como, né? Então, eu que quis vim ajudar, aí eu parei tudo, né, não olhei mais pra bordado nem nada, minha casa ficou praticamente abandonada. Ia pra casa somente pra dormir, e era assim, e a gente... e a gente ficou muito tempo fazendo isso (AMP).

Todo o esforço era dedicado à remoção da lama e não havia condições de costurar ou bordar, porque a casa estava toda arrebentada e entulhada, assim como suas emoções, destacou DFFB.

Depois da lama não teve jeito, as portas ficavam lotadas de gente, não tinha nem como sair. Gente de fora para ajudar tirar a lama, as firmas já contratando, os voluntários amarelinhos, aqueles evangélicos da Igreja Batista veio para ajudar a tirar a lama. Ajuntou muita gente aqui em casa, e o pessoal da Samarco começou... (DFFB).

Não tinha como costurar aqui, ficou tudo entulhado, rebentado, não tinha jeito nem de você ir no supermercado não tinha jeito de você sair na rua não. Não fazia compras. E foi uma época de final de ano. Menina! Aquela dificuldade, não tinha nem jeito, meu carro ficava aqui na rua, no meio aqui, até para mim entregar minhas encomendas em Ouro Preto foi difícil. Porque você sair de uma casa toda lamada, olha para você ver que cabeça que você tem, e a dificuldade de você sair até da cidade, não teve jeito não, a gente, o psicológico da gente... (DFFB).

Os relacionamentos entre os moradores já não existem mais e se ainda existem, são poucas as pessoas que se relacionam. As costuras de suas vidas não passam mais pelos mesmos caminhos. LGR afirma que os problemas vão além de devolver à cidade um cenário habitável.

O relacionamento entre as pessoas aqui de Barra Longa modificou no sentido de que não é igual era antes. Antes tinha movimento de bordado, agora

acabou tudo. O movimento tá pouco, acabou. As pessoas na rua saindo, demorou muito! (LGR).

Segundo LGR e SRC, além de todas as mazelas vivenciadas pelas bordadeiras após o rompimento da barragem, a procura para a compra dos bordados, praticamente acabou, porém, gradativamente estão sendo retomadas as atividades, com o aumento das demandas de compra, mesmo com a chegada da pandemia.

No começo a gente ficou quatro anos praticamente sem bordar ou bordando pouco. Agora que tá vindo a demanda de novo. Mesmo com a pandemia, está tendo demanda. Tá, melhorou, mas não está igual antigamente não (LGR).

Eu bordava muito, né. Saía pelas ruas aí, vendia o bordado de porta em porta, pano de prato, esses negócios, né. Assim que era a minha vida. Mexia muito com esse negócio de Natura, Avon, que eu vendia. Aí eu também parei, eu peguei muita dívida também, acabei fazendo dívida (SRC).

Antes do rompimento da barragem, eu tinha muito trabalho, depois diminuiu. Ela (a Margarida) está recebendo encomenda, mas não está tanto igual antes não. Eu não sei por que diminuiu. Como diz, né... (LGR).

Lazer e Bordado

As reflexões trazidas pela nossa Carta Magna em 1988, dão conta de um fortalecimento de segmentos que não possuem condições objetivas de enfrentamentos de realidades com igualdade de direitos, incluindo o lazer. A cidadania pode encontrar um campo fértil, quando, em seus projetos de vida, incluírem o lazer, pois este pode existir como processo educativo crítico e criativo na vida das pessoas, se levarmos em consideração o distanciamento de muitas comunidades, de seus direitos constitucionais (Sampaio *et al.*, 2011).

O Lazer, por sua inserção na amplitude da dimensão cultural própria das sociedades humanas, pode propiciar tanto o descanso, quanto o divertimento, como o desenvolvimento individual e social, empoderando as pessoas para tecerem contra símbolos culturais e não apenas tornarem-se consumidores, como se este fosse mais uma mercadoria (Sampaio *et al.*, 2011, p. 19).

Atividades de lazer, se consideradas como uma dimensão fundamental para a vida humana, inclui em seu contexto conteúdos culturais, manuais, artísticos e sociais,

dentre outros. Sendo assim, o bordado se faz presente nesta dimensão e sim, é considerado pelas bordadeiras de Barra Longa, como fonte de lazer.

Pra mim bordar é lazer, porque eu fico o tempo todo bordando. Sinto bem quando estou bordando (LGR).

É um lazer, na verdade é uma coisa que me faz sentir bem, sentir feliz, porque, na verdade, eu sou uma boba alegre, eu mesma bordo, eu mesma acho bonito, eu mesma fico encantada com o que eu faço, é uma paixão mesmo (AMP).

A subjetividade do lazer permite experiências e práticas culturais diversas, ao seu modo, tempo e espaço e também nos espaços de outrem. A vivência do lazer também como atividade manual, dentre outras, apresenta um caráter específico de estimulação, para construir valores fundamentais em prol da autonomia dos sujeitos nele envolvidos e evidencia a sustentabilidade do ecossistema e suas multiformidades (Sampaio *et al.*, 2011).

Lazer? O meu lazer é meu trabalho, gosto demais do que faço. Então, não tenho outro lazer, porque eu fico bordando, né? (LGR).

O bordado é o meu lazer. A única coisa que eu queria que tivesse aqui em Barra Longa é, assim, se eu pudesse ter mesmo, é um lugarzinho pra mim vender meus bordados. Abrir uma lojinha, porque tá difícil mesmo. A Casa das Artes não me atende para isso (SRC).

Sim, bordo por lazer. O bordado é tudo, né? Dá, como fala, pra tirar o estresse, alivia um pouco da cabeça da gente (SCR).

Para que a experiência do lazer seja plena para o sujeito, é necessário situá-lo, o lazer, social e historicamente, podendo ou não depender de condições materiais, o que o torna imutável quando se correlaciona sujeito e cultura (Pessoa, 2020). Ao afirmarem que o bordado é lazer e é trabalho, e que não conseguem viver sem bordar, as bordadeiras contrariam interpretações variadas de autores como por exemplo Dumazedier (1976), que afirma existir uma dicotomia entre essas duas dimensões, onde existe o tempo de trabalho e o tempo de lazer, inclusive o trabalho posto como fonte de tortura. Constituída em contextos urbanos, a dicotomização do lazer aponta para uma

lógica evolutiva e linear, que invisibiliza o lazer em contextos diversos (Gomes, 2014). Com fronteiras imperceptíveis, a relação entre bordado, trabalho e lazer dessas bordadeiras, coloca em cheque a compreensão de Dumazedier a respeito do conceito de lazer, que negligencia a questão de territorialidade e enfatiza o tempo, como estanques (Costa; Soares; Debortoli, 2016).

Cotidianamente, as bordadeiras de Barra Longa, numa simbiose visceral, dificultam a diferenciação de momentos de lazer e trabalho, pois eles se entremeiam, repetindo a subjetividade do sujeito devido suas relações naturais. A relação do lúdico com o criativo, hoje associado ao lazer, presente em seus processos laborais, denotam a importância da não interferência da hegemonia industrial (Aquino; Martins, 2007, p. 485).

Eu não sei se eu posso chamar de lazer, né gente, porque eu sempre peguei isso como profissão, mas eu acho que transforma num lazer para mim, porque eu gosto tanto, é tanta vontade de fazer, eu tenho tanto amor, e também dedicação, eu não canso. Para mim, é lazer e profissão mesmo (DFFB).

Lazer eu não tenho não. Às vezes, eu faço uma caminhada, mas muito difícil. Aí eu fico assim: Ah não, eu vou pegar no meu bordado sabe, vou pegar no meu bordado! Eu prefiro ficar com bordado, eu sinto bem demais no bordado, sabe? Então, pra mim, bordado é muito bom mesmo! Considero o bordado um lazer e trabalho (RBFF)

Então, eu acho que faz falta pra mim, tanto pra ganhar o dinheiro, como também eu gosto demais. Sabe o que é você ter amor naquilo? Denise até fala comigo assim: - “Para um pouco, mãe”! – Eu não consigo, menina! Eu tô na televisão bordando, eu só paro pra rezar o terço. Eu acabei de rezar o terço, eu tô no bordado. Tem dia de eu ficar até nove, dez horas da noite. É lazer porque tenho amor. Tudo o que eu faço, graças à Deus, eu amo (RBFF).

Para além disso, num processo terapêutico, DFFB afirma que o lazer em forma de bordado e o trabalho se entrelaçam desde a sua infância.

Eu vou te falar, sempre fui criada tanto, trabalhando! (Com bordado) Falar com você de lazer, é igual uma terapia o bordado (DFFB).

Na relação fronteiriça entre as dimensões trabalho, bordado e lazer, a fala de DFFB inclui a dimensão "terapia" como quarto elemento, o que amplia ainda mais as

possibilidades para conceitos de lazer e faz emergir contradições, complexidades e ambiguidades destes conceitos, sobretudo em contextos minoritários. Contemplar experiências lúdicas em variadas manifestações culturais e na vida social, evidencia a necessidade dessa ampliação e diversificação das possibilidades do lazer. Com significados e riqueza própria, os lazeres vividos precisam ser problematizados como práticas sociais, não sujeitas apenas ao vazio do não trabalho ou ao tempo livre, onde está implícito o desfrute da vida, com aumento da compreensão do mundo ao seu redor e com enorme potencial de mediação cultural (MCP avalia que o bordado como prática tradicional é também considerado lazer, pois desde a época de sua avó, ele era usado para intermediar relações familiares, além de estreitar laços de amizade com a vizinhança e promover momentos de encontros aos finais de semana.

Na época da minha avó bordar era lazer, porque não existia, ninguém comprava né, ninguém fazia nada assim pra vender não! Então eu aprendi fazendo as coisas em casa. Eu tinha uma vizinha que fazia muito crivo, ela vivia só de bordar crivo pra esse pessoal de fora. Aí me chamou pra mim ajudar ela. Ela fazia, desfiava, fazia o desenho e o resto era comigo. Casear, fazia os pauzinhos, entregava ela toalha toda caseada, toda pronta. Fim de semana não tinha nada pra fazer e ia fazer (Bordar). Eu ia aprendendo fazer bainha, fazer é matiz, fazer tudo. Toalha, colcha, meia de criança, touca de criança sabe, com linha fina (MCP).

Ir às praças, aos barzinhos e fazer caminhadas, após o rompimento da barragem, não fazia mais parte da rotina de algumas delas, uma vez que o ocorrido, interrompeu esse processo cotidiano de lazer, que estão sendo retomados gradualmente, bem como as viagens para as cidades próximas de Barra Longa, também considerados por elas como opções de lazer.

Eu morava na praça. Eu ficava lá na praça vendo meu menino brincar, fazia uma caminhada ali na praça, ia no barzinho que tinha próximo nosso ali na praça. Mas depois acabou isso tudo, basicamente aqui em Barra Longa. Hoje é que pode-se dizer que tá voltando as atividades que tinha antes, devagarinho, bem devagar. Gosto! Gosto de bordar. Bordar é lazer porque pra mim é uma forma de distrair, passar o tempo. Gosto de sair com minha família para outra cidade também. Eu vou ali pra Ouro Preto, vou em Mariana, viajar, passear, sair um dia. Porque aqui dentro de Barra Longa mesmo tinha até outros tipos de lazer, a gente ia em barzinho, essas coisas, mais depois da lama... (ATLV).

Para MCP a mudança nos hábitos de circulação pela cidade após o rompimento da barragem, trouxe desilusão, segundo ela , o lazer e a vida das bordadeiras foram alterados significativamente e o bordado funcionou como fonte de distração e prazer em meio ao desastre.

Depois da lama, o povo ficou meio desiludido, não sai de casa mais, parece um toque de recolher. Antes do rompimento, tudo que tinha a gente ia, né! Tinha, por exemplo assim, um baile, a gente ia, uma pizzaria, agora não tem nada pra ir não, a cidade parou (MCP).

O desastre mexeu sim comigo, porque deixei de ganhar um dinheiro a mais, né? Então, a gente fracassou no dinheiro, mas o prazer continua. Eu bordando as coisas pra minha casa, pra minha irmã, sabe? Como distração. E não pode abaixar a cabeça, porque se abaixar, a gente vai junto com a lama, né? (MCP).

No cotidiano da vida, assim como um bordado que não deu certo e precisa ser desmanchado e refeito, muitas vezes somos obrigados a nos desfazer de elementos que compõem a nossa história e retomarmos o ciclo através de um novo caminhar. Vidas foram quebradas pela tragédia, que invadiu e inundou a cidade de Barra Longa após o rompimento da barragem de Fundão. O bordado, utilizado pelas bordadeiras como ferramenta na busca de manter a cabeça e o corpo erguidos em meio a tanta lama, possibilita um novo recomeço através da superação de perdas e encontrar novos prazeres na vida.

Considerações Finais

A tragédia em Barra Longa, evidenciou a importância do bordado no tecer da vida, que transforma linhas marrons cor de lama, em linhas coloridas de esperança. Revelado através dos depoimentos das bordadeiras entrevistadas nesta pesquisa, foi possível descrever, ainda que minimamente, o sofrimento dessas pessoas e as estratégias utilizadas por elas, no processo de resgate de histórias de vidas, após o rompimento da barragem de Fundão, dentre elas, o bordado.

Portanto, a pesquisa não tem a pretensão de fechar questões a esse respeito, mas oferecer contribuições para a compreensão dos fatos e a importância do bordado como fonte de lazer e resgate. Para isso, traçamos objetivos e escolhemos o percurso metodológico, que possibilitou-nos descortinar as histórias dessas mulheres bordadeiras.

Os relatos foram surpreendentes e reveladores. No fluxo das entrevistas foi importante obedecer as demandas, bem como as reações das entrevistadas e principalmente respeitar a necessidade de revelarem suas experiências com a invasão da lama, e as marcas deixadas ao longo de cada trajeto individual e coletivo.

Em busca de compreender as transformações ocorridas na história do bordado, foi necessário um breve relato do contexto histórico dessa arte que apareceu há 30 mil anos a.C., cujo significado aparece como herança passada de geração em geração e de valor inestimável. Para além disso foi importante ouvir as memórias contadas por elas, relacionadas ao bordado, antes e após o rompimento da barragem e os impactos dessa tragédia, não apenas nas atividades de rotina das bordadeiras, mas principalmente pela interrupção do lazer, presentes no ato de bordar.

Os resultados deixam claro o valor do bordado, que aparece como uma força de superação e manutenção da estrutura psíquica e física dessas bordadeiras. Além disso, surge como um elemento vital, para sequenciar a vida com um mínimo de prazer. Essa força do bordar surge também como elemento transformador, fundamental para a experiência estética, resgate de memórias, fortalecimento do censo comum e cultural da cidade de Barra Longa, que sobrevive há gerações.

O bordado como representação de traços identitários, se apresenta em evidência na figura feminina, cuja discriminação dessa arte é velada e nos convida a refletir sobre a tradição e a modernidade, simplesmente pelo fato de o bordado ainda permanecer somente em mãos femininas. A mulher, idealizada pela delicadeza e perfeição nos

acabamentos, entra em conflito com a mulher que não se domestica e que está sempre em busca de encontrar um espaço na sociedade.

O desastre de Fundão, colocou o bordado à borda, porém aos poucos, constituiu-se como um importante instrumento de resgate da identidade e do sentimento de pertencimento desse grupo, que construiu, ao longo de várias décadas, a sua importância. As bordadeiras reconhecem as perdas sofridas durante e após o rompimento da barragem, dentre elas estão as perdas emocionais, na saúde e da dignidade, porém, em relação às perdas materiais, estão os espaços comuns onde elas gostavam de bordar e que funcionavam para elas, como espaços de lazer, comprometendo inclusive suas relações sociais.

Antes de fundão, em Barra Longa, a natureza coexistia com a cultura local, permitindo-lhes a socialização e as práticas de lazer, numa integração ser humano/natureza, em busca de autonomia do território com suas identidades. Após fundão, foi preterido à essa comunidade, o direito de pertencimento, que comprometeu gravemente suas vidas, histórias de vidas e tudo o que está contido nelas, inclusive o lazer. Ao avaliar os relatos das bordadeiras, é possível concluir que será difícil devolver à elas o território e o ambiente perdidos, individual e coletivamente, e terem assim, os seus costumes, suas raízes, seus bordados e seus lazeres restaurados na íntegra.

REFERÊNCIAS

ABBA. **Associação Barra-longuense de bordadeiras e artesãos.** 2021. Disponível em: <https://www.pousoeprsa.com.br/publico/artesao/visualiza/3340>. Acesso em: 10 jun. 2021.

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 479-500, set. 2007.

BRITO, Thaís Fernanda Salves de. **Bordados e bordadeiras:** um estudo etnográfico sobre a produção artesanal de bordados em Caicó/RN. 2010. 285f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de

São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:
https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-15122011175001/publico/2010_ThaisFernandaSalvesdeBrito.pdf. Acesso em: 08 jun. 2021.

CHAGAS, Claudia Regina Ribeiro Pinheiro das. **Memórias bordadas nos cotidianos e nos currículos**. 2007. 98f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de educação e humanidades, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CHAGAS, Claudia Regina Ribeiro Pinheiro das. **O bordado no currículo como espaço-tempo/fazer educativo**. 2010. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-1967--Int.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2019.

COSTA, Karla Tereza Ocelli; SOARES, Khellen Cristina Pires C.; DEBORTOLI, José Alfredo O. Lazer e Alteridade em “Outros” Modos de Viver. **Licere**, Belo Horizonte, v.19, n.1, mar. 2016.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Lazer, Envelhecimento e Participação Social. **Licere**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, mar. 2012. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/739/540>. Acesso em: 06 mar. 2020.

DIAS, Marina de Aguiar Casali. Bordado e subjetividade: o bordado como gesto cartográfico. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 11, n. 23, p 50-61, 2019.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**: São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. Coleção: Debates, 82.

FERREIRA, Elaine Canisela. O silêncio que calou vidas. In: CALDAS, Graça (org). **Vozes e silenciamentos em Mariana**: Crime ou Desastre Ambiental. Impactos Ambientais. 2 ed. Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2018. p.101-103. Disponível em: http://www.labjor.unicamp.br/wpcontent/uploads/2018/04/2a_edicao_digital_vozes_e_silenciamentos_em_Mariana_06042018_LABJOR_09-04.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

FREITAS, Wesley; JABBOUR, Charbel. Utilizando Estudo de Casos Como Estratégia de Pesquisa Qualitativa: Boas Práticas e Sugestões. **Revista Estudo & Debate**, Lajeado, v. 18, n. 2, dez. 2011. Disponível em: <http://www.mEEP.univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/560/550>. Acesso em: 08 dez. 2019.

GOMES, Christianne Luce. **Verbete Lazer – Concepções**. In: GOMES, Christianne Luce; (Org.) Dicionário Crítico do Lazer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p.119-126. Disponível em: <https://grupootium.files.wordpress.com/2011/06/lazer-concepcoes-versao-final.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2019.

GOMES, Christiane L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v.1, n.1, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430/279>. Acesso em: 14 jun. 2021.

GOMES. Christianne Luce; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; SILVA, Luciano Pereira da Silva. (org.). **Lazer, Práticas Sociais e Mediação Cultural**: 1 ed. Campinas: Editora Autores Associados Ltda, 2019.

LOURENÇO, Leandro Dias. **Artesão de bordado a mão: Tipo Patwork**. Paraná: Instituto Federal do Paraná, 2012. Disponível em: <http://pronatec.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2012/07/abm1.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

LUCE, Patrícia Campos; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; GOMES, Ana Maria Rabelo. Experiência, Performance e Práticas de Aprendizagem: Temas Para Pensar o Lazer de Forma não Fragmentada. **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/817/618>. Acesso em: 8 mar. 2020.

MALTA. Marize. Paninhos, agulhas e pespontos: a arte de bordar o esquecimento na história. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 17. Lugares dos Historiadores velhos e novos desafios. Florianópolis -SC, jul, 2015. **Anais...** Florianópolis, Santa Catarina, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433811122_ARQUIVO_Aartedebo_rdaroesquecimentonahistoriaREVISADOMARIZEMALTA.pdf. Acesso em: 12 nov. 2019.

PADILHA, Tita. **A invisibilidade do bordado e a poética do avesso no trabalho de Cayce**. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/38015595_RECTO_VERSO_A_INVISIBILIDADE_DO_BORDADO. Acesso em: 23 fev. 2021.

PESSOA, Vitor Lucas de Faria. Lazer, Natureza e o Saber Da Experiência. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 99-113, mai./ago. 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Notebook/Downloads/21910-Texto%20do%20artigo-80390-1-10-20201202%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Notebook/Downloads/21910-Texto%20do%20artigo-80390-1-10-20201202%20(1).pdf). Acesso em: 11 jan. 2021.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; SOUSA, Ioranny Raquel Castro de; FARIA, Gislene Moreira Nogueira; SANTOS, Roberta de Jesus dos; LOPES, Monaiza Lima; NASCIMENTO, Mirelle Pereira do; SILVA, Junior Vagner Pereira da; MELO, Gislane Ferreira de. A Experiência das “Oficinas”: Encontros de Lazer. In: SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; SILVA, Junior Vagner Pereira da. (org.). **Lazer e cidadania: horizontes de uma construção coletiva**. 2011. p. 97-146. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/127713/Lazer%20e%20cidadania%20%20horizontes%20de%20uma%20constru%C3%A7%C3%A3o%20coletiva.pdf?sequence=1>. Acesso em: 06 out. 2019.

SILVA, Paulo Fernando Teles de. **Bordados Tradicionais Portugueses**. [2006].120f. Dissertação. (Mestrado em Design e Marketing) – Departamento de Engenharia Têxtil, Universidade do Minho, Braga, [2006]. Disponível em: <http://repository.sdum.uminho.pt/handle/1822/6723>. Acesso em :12 jan. 2021.

SOUSA, Juliana Padilha de. **Tramas invisíveis**: bordado e a memória do feminino no processo criativo. 2019. 164f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará 2019.

ZANIRATO, Silvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 251-262, jun. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882006000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 out 2020.

Endereço das Autoras:

Maira Elisa Cassimiro Martins Morais
Endereço Eletrônico: maira.elisa200@gmail.com

Cristiane Miryam Drumond de Brito
Endereço Eletrônico: cdrugonddebruto@gmail.com